



SELEÇÃO PARA MESTRADO E DOUTORADO 2027.1

PROVA DE CONHECIMENTO ESPECÍFICO

Selecione um dos enunciados propostos a seguir para desenvolver um texto dissertativo sobre questões de Teoria da Literatura e/ou Literatura Comparada que você julgue pertinentes. Na construção da sua argumentação, sinta-se livre para recorrer tanto à bibliografia indicada pelo Programa quanto a outras obras literárias, teóricas e críticas de sua escolha. É indispensável indicar claramente a qual dos enunciados sua resposta corresponde.

ENUNCIADO 1

Certamente, a literatura é impotente para dar às palavras os referentes que elas não têm. O que ela pode emprestar, em troca, é um corpo. E a literatura tem esse poder em função de uma capacidade singular: a capacidade de representar, ela mesma, o papel de antiliteratura, de dar aos enunciados flutuantes da escrita democrática uma carne “antiliterária”, de fazer com que eles pareçam carregar consigo o corpo vivo de sua própria enunciação.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ENUNCIADO 2

No início dos anos de 1960, devido à poluição da atmosfera e, sobretudo, do campo, por causa da poluição da água (rios azuis e canais límpidos), os vaga-lumes começaram a desaparecer (*sono cominciate a scomparire le lucciole*). Foi um fenômeno fulminante e fulgurante (*il fenomeno è stato fulmineo e folgorante*). Após alguns anos, não havia mais vaga-lumes. Hoje, essa é uma lembrança um tanto pungente do passado (*sono ora un ricordo, abbastanza straziante, del passato*) [...].

Ao recorrer a essa imagem poético-ecológica, Pasolini não pretende de forma alguma diminuir a violência do fenômeno por ele diagnosticado. Trata-se, antes, de uma maneira de insistir na dimensão antropológica – a seus olhos a mais profunda, a mais radical – do processo político em

questão. Quando Pasolini emprega a palavra superlativa de “genocídio”, nessa época, é para designar, mais precisamente, um movimento geral de *enfraquecimento cultural* que ele define por meio da expressão “genocídio cultural”. A ideia de que um fascismo mais profundo tenha suplantado as gesticulações mussolinianas aparece claramente, em 1969, nas entrevistas com Jean Duflot. Em seguida, num artigo de 1973 intitulado “Aculturação e aculturação”, o cineasta precisa sua ideia: ainda era possível, nos tempos do fascismo histórico, resistir, ou seja, iluminar a noite com alguns lampejos de pensamento, por exemplo, relendo o *Inferno* de Dante, mas também descobrindo a poesia dialetal ou simplesmente observando a dança dos vaga-lumes em Bolonha, em 1941.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ENUNCIADO 3

Quando em 1999 escrevi um ensaio sobre Delmira
estava me separando depois de um casamento
de 25 anos.

Chamei-o “A divorciada do modernismo”.

Me referia a ela, é claro,
e no entanto e no entanto
falava também de mim?

Não que eu queira espalhar
nas derivas deste confessional
algum tolo apelo psicologista
minha pergunta se dirige ao coração
daquela velha crítica literária
que desprezava a vida privada
a favor de uma severa
pureza textualista.

[...]

E a vida de Delmira e a minha quando escrevi sobre ela
estavam conectadas. Enquanto eu passava pela sombria tramitação
— “a sentença de divórcio chegou pelo correio”, queixa-se Anne Carson —
antecipei as dores da papelada e coloquei
como epígrafe de um livro que estava escrevendo
estes versos de Delmira:

“Vem, ouve, eu te evoco.

Estranho amado de minha musa estranha”.

E no entanto e no entanto
sem deixar a inspiração da poetisa
se esvair em sangue
suturei a boca de meus versos
para oferecer à crítica
o produto medido calado digno
de uma poeta.

Mais uma vez o que começou como poesia
teve que terminar como romance [...]

KAMENSZAIN, Tamara. *Garotas em tempos suspensos*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

ENUNCIADO 4

Por isso, a gente vai trabalhar com duas noções que ajudarão a sacar o que a gente pretende caracterizar. A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula, a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela pra tudo nesse sentido. Só que isso tá aí... e fala.

GONZALEZ, Lelia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira” in RIOS, Flavia e LIMA, Marcia (orgs) *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ENUNCIADO 5

Os brancos podem mostrar o que quiserem em seus museus, mas não coisas vindas de fantasmas. Enquanto estamos vivos, podem expor nossas imagens e objetos em suas cidades à vontade, para explicar a seus filhos como vivemos e, assim, ajudar a proteger nossa floresta. Mas exibir dessa maneira cadáveres ressecados e objetos órfãos dos primeiros habitantes da floresta só pode me deixar infeliz e me atormentar. É algo muito ruim para mim!

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ENUNCIADO 6

[..] é preciso tomar cuidado com a noção de ideologia que a concebe tão-só como um conjunto de imagens, idéias e “erros”, pois sua ação sobre e no interior do processo de representação é diferente: é mais interna, mais interminável. Uma ideologia é um conjunto de limites ao discurso; um conjunto de resistências, repetições, espécies de circularidade. É aquilo que fecha o discurso à consciência de si mesmo como produção, como processo, como prática, como subsistência e contingência. E esse trabalho de apagamento nunca é concluído: nem faria sentido pensar nele como tal.

CLARK, T. J. *A pintura da vida moderna: Paris na arte de Manet e seus seguidores*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



EXAME DE SELEÇÃO PARA O 1º SEMESTRE DE 2027

NÍVEL		Mestrado	PROVA	X
		Doutorado		Conhecimento Específico

Letras Clássicas - Estudos Interdisciplinares da Antiguidade Clássica

O candidato deve responder de maneira objetiva as três questões propostas abaixo:

Questão 1: Discorra sobre o seu *corpus* de pesquisa (ou *corpora*), apresentando como alguns dos livros considerados importantes de sua bibliografia auxiliarão na fundamentação teórica para a análise dos temas estudados e como tais obras (seu *corpus* ou *corpora* e as obras de sua bibliografia) se relacionam com um ou mais livros constantes na bibliografia do Programa da Linha Interdisciplinar do PPGLC (caso não haja relação, explique o porquê).

Questão 2: Comente quais são as áreas de estudo que interagem entre si em sua pesquisa e mencione uma metodologia moderna útil para o estudo da Antiguidade Clássica, discutindo-a brevemente, e, em seguida, faça relação dessa com a própria metodologia que emprega na sua proposta de pesquisa, explicando o porquê de ela (a sua pesquisa) ser interdisciplinar.

Questão 3: Discorra sobre o(s) período(s) da Antiguidade Clássica que se configure(m) como o(s) mais importante(s) conceitual e tematicamente para o desenvolvimento de sua pesquisa, explicando a validade do diálogo formado entre a modernidade (seu próprio estudo) e o passado.



EXAME DE SELEÇÃO DE MESTRADO_ 1º SEMESTRE DE 2027

I) Leia e traduza o texto abaixo:

(7) καὶ πρὸς τούτοις γε ἄλλο οἶδα, καὶ ὑμῖν αὐτίκα μάλ' ἔξεστι πειρᾶσθαι. εἶπε γάρ που Ὅμηρος· “Ἐπὶ δὲ κρόμυον ποτῶ ὄψον.” ἐὰν οὖν ἐνέγκῃ τις κρόμυον, αὐτίκα μάλα τοῦτό(8) γε ὠφελιμένοι ἔσεσθε· ἥδιον γὰρ πιεῖσθε. καὶ ὁ Χαρμίδης εἶπεν· “ὦ ἄνδρες, ὁ Νικήρατος κρομμύων ὄζων ἐπιθυμεῖ οἴκαδε ἐλθεῖν, ἵν' ἡ γυνὴ αὐτοῦ πιστεύῃ μηδὲ διανοηθῆναι μηδένα ἂν φιλῆσαι αὐτόν. – Νῆ Δί', ἔφη ὁ Σωκράτης, ἀλλ' ἄλλην που δόξαν γελοίαν κίνδυνος ἡμῖν προσλαβεῖν. ὄψον μὲν γὰρ δὴ ὄντως ἔοικεν εἶναι, ὡς κρόμυόν γε οὐ μόνον σῖτον ἀλλὰ καὶ ποτὸν ἡδύνει. εἰ δὲ δὴ τοῦτο καὶ μετὰ δεῖπνον τρωξόμεθα, ὅπως μὴ φήσῃ τις ἡμᾶς πρὸς Καλλίαν ἐλθόντας ἡδυπαθεῖν.”

(Xénophon. **Le Banquet – Apologie de Socrate**. Texte établi et traduit par François Ollier. Paris: Les Belles Lettres, 2024.)

II) Responda as seguintes questões gramaticais:

1) Analise morfológicamente as formas de infinitivo e comente os seus empregos nas oraçōes:

- ἔξεστι πειρᾶσθαι
- ἐπιθυμεῖ [...] ἐλθεῖν
- προσλαβεῖν

2) Classifique a oraçao abaixo e explique o emprego do modo subjuntivo nesta:

- ἐὰν οὖν ἐνέγκῃ τις κρόμυον, [...]

III) Qual a importância sociocultural da prática do banquete na Atenas clássica e como a citação de Homero pode elucidar essa questão?



**Linha de pesquisa “O Discurso Latino Clássico e Humanístico”
Exame de Seleção para Ingresso no Mestrado em 2027/1**

Número de inscrição: _____

I. Traduzir o excerto abaixo (6,0 pontos):

Cícero, *Pro Archia*

[5] erat Italiatum plena Graecarumartium ac disciplinarum, studiaquehaec et in Latiovehementiustumcolebanturquam nunc isdem in oppidis, et hic Romaeproptertranquillitatem rei publicae non neglegebantur. itaquehunc et Tarentini et Locrenses et Regini et Neapolitanicivitateceterisquepraemiisdonarunt, et omnes quialiquid de ingeniispoterantiudicarecognitioneatquehospitioidignumexistimarunt.¹

II. Com base no excerto acima, tecer comentários morfossintáticos e estilísticos que você julgar relevantes (4,0 pontos).

¹Texto-base: CICERO, M. Tullius. **M. TulliCiceronisOrationes**: Recognovitbreviqueadnotatione critica instruxitAlbertus Curtis Clark. Albert Clark. Oxonii: e TypographeoClarendoniano, 1909. [ScriptorumClassicorumBibliothecaOxoniensis].

		Universidade Federal do Rio de Janeiro CENTRO DE LETRAS E ARTES FACULDADE DE LETRAS - PÓS-GRADUAÇÃO Cidade Universitária - Ilha do Fundão Cep 21941-590 - Rio de Janeiro – RJ		
EXAME DE SELEÇÃO: 1º SEMESTRE 2027				
NÍVEL		Mestrado	PROVA	Língua Instrumental
		Doutorado		☒ Conhecimento Específico
Área de concentração: LÍNGUA PORTUGUESA				
Id.:				
CPF:				

Com base nos excertos que seguem, disserte sobre as noções de *norma culta* e *norma-padrão*. Para fundamentar a sua discussão, utilize as formas linguísticas mencionadas no excerto (II), extraído do capítulo “Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva”, de Maria Eugenia Duarte e Jânia Ramos, um dos estudos reunidos na obra *Mapeamento sociolinguístico do Português Brasileiro* (2015).

(I) “(...) as expressões *norma culta* e *norma-padrão* (...) são frequentemente confundidas - ou igualadas - nos discursos sobre a língua na mídia, no sistema escolar e em documentos oficiais.” (Faraco; Zilles, 2017; p. 18-19, *itálicos originais*).

(II) “No que diz respeito ao acusativo e ao dativo de terceira pessoa, os trabalhos realizados em diferentes regiões apontam grande semelhança no que diz respeito à quase extinção dos clíticos *o(s)/a(s)* e *lhe* na língua oral. [...] A escola ou o contato com a escrita [...] conseguem recuperar parcialmente esses clíticos, mas implementam igualmente o objeto nulo e outras formas alternativas. E, curiosamente, o falante letrado não transfere para sua fala espontânea essas formas recuperadas!” (Duarte; Ramos *in* Martins, Abraçado, 2015, p. 193-4, *itálicos originais*).

Questão - Linha 1: História e Filologia do Português

De acordo com Teyssier (2001, p. 23-24), “como todas as línguas românicas, o português possui um vocabulário complexo: às palavras que se mantiveram sempre vivas desde a época latina (...) vieram juntar-se palavras eruditas, criadas, em todas as épocas, com base no latim e no grego”. A partir dessa afirmação, indique qual coluna de formas portuguesas (I ou II) abrange formas eruditas e qual agrupa formas “populares”. Justifique sua indicação analisando linguisticamente as formas portuguesas em contraste com as formas latinas.

Forma latina	Forma portuguesa (I)	Forma portuguesa (II)
SPECULU-	Reflexo no espelho	Fundo especular
COLORE-	TV em cores	TV colorida
ARENA-	Solo de areia	Solo arenoso
CAPILLU-	Escova de cabelo	Tônico capilar

Questão - Linha 2: Fonética, Fonologia, Prosódia e Morfologia do Português

A distinção entre Fonética e Fonologia vem sendo realizada desde o princípio da chamada Linguística Moderna:

“A fonética é uma ciência histórica, analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo.” (Saussure, 1969, p. 43)

Sobre essa elaboração de Saussure, Callou e Leite (1990, p. 12) tecem o seguinte comentário:

“Embora essa concepção esteja distinta das acepções atuais dos dois termos, a distinção entre fonética e fonologia foi possível a partir do pensamento saussuriano, pelo uso de suas noções de língua (langue) e fala (parole), forma e substância, sintagma e paradigma.”

Partindo da afirmação das autoras, discorra sobre a diferença entre Fonética e Fonologia, analisando os dados abaixo do Português do Brasil:

Português do Brasil	Variedade (1)	Variedade (2)
/O/ração	[ɔ]ração	[o]ração
p/E/teca	p[ɛ]teca	p[e]teca
m/O/lhada	m[ɔ]lhada	m[o]lhada
s/E/dento	s[ɛ]dento	s[e]dento

Questão - Linha 3: Morfossintaxe e Sintaxe do Português

Em cada uma das manchetes abaixo, encontramos um predicator verbal que seleciona dois argumentos internos, sendo um deles um sintagma preposicionado. Após identificar corretamente tais complementos verbais preposicionados nos exemplos, responda: esses dois constituintes preposicionados são *sempre* analisados da mesma maneira quanto à *função sintática/relação gramatical* que exercem na sentença pelos estudos gramaticais? Justifique sua resposta apresentando a(s) análise(s) dos complementos em questão e o(s) critério(s) que a(s) embasa(m).

 G1

Aplicativo e-Título envia orientações para eleitores antes da votação

Ferramenta da Justiça Eleitoral passou a enviar alertas sobre consulta ao local de votação, atualização cadastral e documentos aceitos para o primeiro turno...



 Terra

Ana Maria Braga confunde Antonio Calloni com Antônio Fagundes no 'Mais Você'

Apresentadora anunciava participação de Antonio Calloni no "Mais Você" quando cometeu a confusão ao vivo.



Questão - Linha 4: Texto e Discurso, Pragmática e Semântica do Português

Ao discutir o estudo do significado, Cançado (2009, p. 19) observa que “nem sempre o sistema semântico é o único responsável pelo significado; ao contrário, em várias situações, o sistema semântico tem o seu significado alterado por outros sistemas cognitivos para uma compreensão final do significado.”. Com base nessa observação, distinga, com suas palavras, o objeto de estudo da *semântica* do objeto de estudo da *pragmática*, considerando que ambas as áreas lidam com o significado. Ilustre essa distinção a partir da análise dos textos que seguem.



GONSALES, Fernando. Niquel Náusea. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 nov. 2003. Ilustrada, p. E13.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas
Área de Literatura Brasileira
Processo Seletivo para 2027.1

Escolha UMA das duas questões abaixo:

1ª questão: O poema em prosa “Paisagem de luar” faz parte do livro *Missal*, de Cruz e Sousa, originalmente publicado em 1893. Leia-o atentamente e o interprete, correlacionando-o à poética própria do seu autor e à estética simbolista de um modo geral. Fale um pouco sobre esse gênero híbrido que é o poema em prosa e sobre o poema em prosa específico que é “Paisagem de luar”, destacando a ampla gama de recursos composicionais mobilizados pelo poeta para construir a paisagem que dá título ao texto.

Paisagem de luar

Na nitidez do ar frio, de finas vibrações de cristal, as estrelas crepitam...
Há um rendilhamento, uma lavoragem de pedrarias claras, em fios sutis de cintilações palpitantes, na alva estrada esmaltada da Via-Láctea.
Uma serenidade de maio adormecido entre frouxéis de verdura cai do veludo do firmamento, torna a noite mais solitária e profunda.
O Mar, pontilhado dos astros, faísca, fosforesce e rutila, agitando o dorso glauco.
E, de leve, de manso, um clarão branco, lânguido, lívido vem subindo dos montes, escorrendo fluido nas folhagens, que prateiam-se logo, como se fabuloso artista invisível as prateasse e as polisse.
A lua cheia transborda em rio de neve na paisagem, e, no mar, há pouco apenas fagulhante da iriação das estrelas, a lua jorra do alto.
Por ele afora, pelo vasto mar espelhado, pequenas embarcações se destacam agora, alígeras, lépidas, à pesca da noite, velas brancas serenas, sob a constelação dos espaços.
A água repercute, na amorosa solidão do luar, a barcarola sonora dos pescadores, que, de entre a glacial amplidão da água, mais fresca e sonora, vibra.
Um aspecto de natureza, verde, virgem, que repousa, estende-se nos longes, desce aos prados, sobe às montanhas e infinitamente espalha-se nas mudas praias alvejantes.
E, à proporção que a lua mais vai subindo o páramo, à proporção que ela mais galga a altura, mais as pequenas embarcações de pesca avançam nas vagas resplandecentes, com as asas das velas abertas à salitrosa emanção marinha.
Com o brilho fúlgido, aceso, d’esmeralda facetada, uma estrela parece peregrinamente acompanhar de perto a lua, num ritmo harmonioso...
Perfumes salutareis, tonificantes eflúvios exalam-se da frescura nova, imaculada dos campos, como dum viçoso e casto florir de magnólias, na volúpia da natureza adormecida numa alvura de linhos, dentre opulências de Noivados.

Glossário:

lavoragem – variação poética criada pelo poeta a partir do verbo lavar
frouxel – conjunto das penas mais macias, leves e finas das aves
glauco – de cor verde-azulada brilhante
iriação – propriedade de refletir ou dispersar a luz nas cores do arco-íris; irradiação; brilho
alígera – rápida, veloz
barcarola – canção originalmente cantada pelos gondoleiros de Veneza, cujo ritmo emula o movimento cadenciado dos remos na água
páramo – céu, abóboda celeste
galgar – subir
salitrosa – salgada
eflúvio – exalação, emanção
opulência – fartura, abundância

2ª questão: O conto “O macaco azul” faz parte do livro *Demônios*, de Aluísio Azevedo, originalmente publicado em 1893. Leia-o atentamente e o interprete, pensando-o dentro do livro do qual faz parte e com relação às correntes estéticas finisseculares. Comente também as ideias que o escritor traz a debate no conto, avaliando o modo segundo o qual o faz e destacando os recursos composicionais mobilizados por ele na fatura formal da narrativa.

O macaco azul

Ontem, mexendo nos meus papéis velhos, encontrei a seguinte carta:

Caro Senhor

Escrevo estas palavras possuído do maior desespero. Cada vez menos esperança tenho de alcançar o meu sonho dourado. – O seu macaco azul não me sai um instante do pensamento! É horrível! Nem um verso! Do amigo infeliz

PAULINO

Não parece um disparate este bilhete?

Pois não é. Ouçam o caso e verão!

Uma noite – isto vai há um bom par de anos – conversava eu com o Artur Barreiros no largo da Mãe do Bispo, a respeito dos últimos versos então publicados pelo conselheiro Otaviano Rosa, quando um sujeito, de fraque cor de café com leite, veio, a pouco e pouco, aproximando-se de nós e deixou-se ficar a pequena distância, com a mão no queixo, ouvindo atentamente o que conversávamos.

– O Otaviano, sentenciou o Barreiros, o Otaviano faz magníficos versos, lá isso ninguém lhe pode negar! mas, tem paciência! o Otaviano não é poeta!

Eu sustentava precisamente o contrário afirmando que o aplaudido Otaviano fazia maus versos, tendo aliás uma verdadeira alma de poeta, e poeta inspirado.

O Barreiros replicou, acumulando em abono da sua opinião uma infinidade de argumentos de que já me não lembro.

Eu trepiquei firme, citando os alexandrinos errados do conselheiro.

O Barreiros não se deu por vencido e exigiu que eu lhe apontasse alguém no Brasil que soubesse arquitetar alexandrinos melhor que S. Ex.^a.

Eu respondi com esta frase esmagadora:

– Quem? Tu!

E acrescentei, dando um piparote na aba do chapéu e segurando o meu contendor, com ambas as mãos, pela gola do fraque:

– Queres que te fale com franqueza?... Isto de fazer versos inspirados e bem feitos; ou, por outra: isto de ser ou não ser poeta depende única e exclusivamente de uma coisa muito simples...

– O que é?

– É ter o segredo da poesia! Se o sujeito está senhor do segredo da poesia, faz, brincando, a quantidade de versos que entender, e todos bons, corretos, fáceis, harmoniosos; e, se o sujeito não tem o segredo, escusa de quebrar a cabeça, pode ir cuidar de outro ofício, porque com as musas não arranjará nada que preste! Não és do meu parecer?

– Sim, nesse ponto estamos de pleno acordo, conveio o Barreiros. Tudo está em possuir o segredo!...

E, tomando uma expressão de orgulho concentrado, rematou, abaixando a cabeça e olhando-me por cima das lunetas: – Segredo que qualquer um de nós dois conhece melhor que as palmas da própria mão!...

– Segredo que eu me prezo de possuir, como até hoje ninguém o conseguiu, declarei convicto.

E com esta frase me despedi e separei-me do Artur. Ele tomou para os lados de Botafogo, onde morava, e eu desci pela rua Guarda Velha.

Mal dera sozinho alguns passos, o tal sujeito de fraque cor de café com leite aproximou-se de mim, tocou-me no ombro, e disse-me com suma delicadeza:

– Perdão, cavalheiro! Queira desculpar interrompê-lo. Sei que vai estranhar o que lhe vou dizer, mas...

– Estou às suas ordens. Pode falar.

– É que ainda há pouco quando o senhor conversava com o seu amigo, afirmou a respeito da poesia certa coisa que muito e muito me interessa... Desejo que me explique...

Bonito! pensei eu. É algum parente ou algum admirador do conselheiro Otaviano, que vem tomar-me uma satisfação. Bem feito! Quem me manda a mim ter a língua tão comprida?...

– Entremos aqui no jardim da fábrica, propôs o meu interlocutor; tomaremos um copo de cerveja enquanto o senhor far-me-á o obséquio de esclarecer o ponto em questão.

O tom destas palavras tranquilizou-me em parte. Concordei e fomos assentar-nos em volta de uma mesinha de ferro, defronte de dois chopes, por baixo de um pequeno grupo de palmeiras.

– O senhor, principiou o sujeito, depois de tomar dois goles do seu copo, declarou ainda há pouco que possui o segredo da poesia... Não é verdade?

Eu olhei para ele muito sério, sem conseguir perceber onde diabo queria o homem chegar.

– Não é verdade? insistiu com empenho. Nega que ainda há pouco declarou possuir o segredo dos poetas?

– Gracejo!... Foi puro gracejo de minha parte... respondi, sorrindo modestamente. Aquilo foi para mexer com o Barreiros, que – aqui para nós – na prosa é um purista, mas que a respeito de poesia, não sabe distinguir um alexandrino de um decassílabo. Tanto ele como eu nunca fizemos versos; creia!

– Ó senhor! por quem é não negue! fale com franqueza!

– Mas juro-lhe que estou confessando a verdade...

– Não seja egoísta!

E o homem chegou a sua cadeira para junto de mim e segurou-me uma das mãos.

– Diga! suplicou ele, diga por amor de Deus qual é o tal segredo; e conte que, desde esse momento, o senhor terá em mim o seu amigo mais reconhecido e devotado!

– Mas, meu caro senhor, juro-lhe que...

O tipo interrompeu-me, tapando-me a boca com a mão, e exclamou deveras comovido:

– Ah! Se o senhor soubesse; se o senhor pudesse imaginar quanto tenho até hoje sofrido por causa disto!

– Disto o quê? A poesia?

– É verdade! Desde que me entendo, procuro a todo o instante fazer versos!... Mas qual! em vão consumo nessa luta de todos os dias os meus melhores esforços e as minhas mais profundas concentrações!... É inútil! Todavia, creia, senhor, o meu maior desejo, toda a ambição de minha alma, foi sempre, como hoje ainda, compor alguns versos, poucos que fossem, fracos muito embora; mas, com um milhão de raios! que fossem versos! e que rimassem! e que estivessem metrificados! e que dissessem alguma coisa!

– E nunca até hoje o conseguiu?... interroguei sinceramente pasmo.

– Nunca! Nunca! Se o metro não sai mau, é a ideia que não presta; e se a ideia é mais ou menos aceitável, em vão procuro a rima! A rima não chega nem à mão de Deus Padre! Ah! tem sido uma campanha! uma campanha sem tréguas! Não me farto de ler os mestres; sei de cor o compêndio do Castilho; trago na algibeira o Dicionário de consoantes; e não consigo um soneto, uma estrofe, uma quadra! Foi por isso que pensei cá comigo: “Quem sabe se haverá algum mistério, algum segredo, nisto de fazer versos?... algum segredo, de cuja posse dependa em rigor a faculdade de ser poeta?...” Ah! e o que não daria eu para alcançar semelhante segredo?... Matutava nisto justamente, quando o senhor, conversando com o seu amigo, afirmou que o segredo existe com efeito, e melhor ainda, que o senhor o possui, podendo por conseguinte transmiti-lo adiante!

– Perdão! Perdão! O senhor está enganado, eu...

– Oh! não negue! Não negue por quem é! O senhor tem fechada na mão a minha felicidade! Se não quer que eu enlouqueça confie-me o segredo! Peço-lhe! suplico-lhe! Dou-lhe em troca a minha vida, se a exige!

– Mas, meu Deus! o senhor está completamente iludido... Não existe semelhante coisa!... Juro-lhe que não existe!

– Não seja mau! Não insista em recusar um obséquio que lhe custa tão pouco e que vale tanto para mim! Bem sei que há de prezar muito o seu segredo, mas dou-lhe minha palavra de honra que me conservarei digno dele até à morte! Vamos! declare! fale! diga logo o que é, ou nunca mais o largarei! nunca mais o deixarei tranqüilo! Diga ou serei eternamente a sua sombra!

– Ora esta! Como quer que lhe diga que não sei de semelhante segredo?!

– Não mo negue por tudo o que o seu coração mais ama neste mundo!

– O senhor tomou a nuvem por Juno! Não compreendeu o sentido de minhas palavras!

– O segredo! O segredo! O segredo!

Perdi a paciência. Ergui-me e exclamei disposto a fugir:

– Quer saber o que mais?! Vá para o diabo que o carregue!

– Espere, senhor! Espere! Ouça-me por amor de Deus!

– Não me aborreça. Ora bolas!

– Hei de persegui-lo até alcançar o segredo!

E, como de fato, o tal sujeito acompanhou-me logo com tamanha insistência, que eu, para ver-me livre dele, prometi-lhe afinal que lhe havia de revelar o mistério.

No dia seguinte já lá estava o demônio do homem defronte da minha casa e não me largava a porta.

Para o restaurante, para o trabalho, para o teatro, para toda a parte, acompanhava-me aquele implacável fraque cor de café com leite, a pedir-me o segredo por todos os modos, de viva voz, por escrito e até por mímica, de longe.

Eu vivia já nervoso, doente com aquela obsessão. Cheguei a pensar em queixar-me à polícia ou empreender uma viagem.

Ocorreu-me, porém, uma ideia feliz, e mal a tive disse ao tipo que estava resolvido a confiar-lhe o segredo.

Ele quase perdeu os sentidos de tão contente que ficou. Marcou-me logo uma entrevista em lugar seguro; e, à hora marcada, lá estávamos os dois.

– Então que é?... perguntou-me o monstro, esfregando as mãos.

– Uma coisa muito simples, segredei-lhe eu. Para qualquer pessoa fazer bons versos, seja quem for, basta-lhe o seguinte: – Não pensar no macaco azul. – Está satisfeito?

– Não pensar no...

– Macaco azul. Abstrair do espírito, completamente, a ideia do macaco azul!

– Macaco azul? O que é o macaco azul...?

– Pergunta a quem não lhe sabe responder ao certo. Imagine um grande símio azul ferrete, com as pernas e os braços bem compridos, os olhos pequeninos, os dentes muito brancos, e aí tem o senhor o que é o macaco azul.

– Mas que há de comum entre esse mono e a poesia?...

– Tudo, visto que, enquanto o senhor estiver com a ideia no macaco azul, não pode compor um verso!

– Mas eu nunca pensei em semelhante bicho!...

– Parece-lhe; é que às vezes a gente está com ele na cabeça e não dá por isso.

– Pois hoje mesmo vou fazer a experiência... Ora quero ver se desta vez...

– Faça e verá.

No dia seguinte, o pobre homem entrou-me pela casa como um raio. Vinha furioso.

– Agora, gritou ele, é que o diabo do bicho não me larga mesmo! É pegar eu na pena, e aí está o maldito a dar-me voltas no miolo!

– Tenha paciência! Espere alerta a ocasião em que ele não lhe venha à ideia e aproveite-a logo para escrever seus versos.

– Ora! Antes o senhor nunca me falasse no tal bicho! Assim, nem só continuo a não fazer versos, como ainda quebro a cabeça de ver se consigo não pensar no demônio do macaco!

E foi nestas circunstâncias que Paulino me escreveu aquela carta.

Glossário:

Castilho – O escritor e gramático português António Feliciano de Castilho (1800-1875) escreveu o *Tratado de metrificação portuguesa*, publicado em Lisboa em 1851.

algibeira – bolso

Juno – deusa romana, esposa de Júpiter

azul ferrete – tom de azul muito escuro

símio, mono – macaco

LITTERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Questão 1 (obrigatória):

A partir da produção ficcional de, pelo menos, dois autores de dois países africanos de Língua Oficial Portuguesa, disserte sobre as principais estratégias de reinvenção linguística e processos de incorporação da oralidade na narrativa africana contemporânea. Desenvolva sua resposta com base em exemplos textuais.

Questão 2 (livre escolha):

Desenvolva uma das três questões propostas, com argumentações coerentes e análises textuais detalhadas.

a) A partir da análise de poema(s) de sua escolha, disserte sobre as relações entre a produção poética e a elaboração literária de uma identidade nacional anticolonial nas Literaturas Africanas em LP.

b) Desenvolva uma leitura crítica sobre a poesia de autoria feminina nas Literaturas Africanas em LP. Utilize exemplos textuais.

c) Indique como as narrativas produzidas por José Luandino Vieira, Manuel Rui, Mia Couto e/ou Paulina Chiziane, refletem sobre elementos de colonialidade a partir da relação entre tradição e modernidade nos contextos angolano e moçambicano, colocando em cena, a reinvenção das tradições e a resistência cultural. Para isso, considere a leitura das seguintes obras: “Estória da galinha e do ovo”, *Quem me dera ser onda*, *Terra Sonâmbula* e *Niketche: uma história de poligamia*. Atenção: a análise das quatro narrativas NÃO é obrigatória, podendo-se optar pela leitura aprofundada de apenas uma, ou estabelecer uma leitura comparada entre duas ou mais.

LITTERATURA PORTUGUESA

Questão 1 (obrigatória):

“Na tradição portuguesa, falar de viagens é redundância a que se não pode fugir. Ou talvez sim, não por escapar à fatalidade da viagem, mas à fatalidade da própria redundância. Escrever é sempre uma fractura do mundo e do livro. Não só a história, mas também os livros não se repetem a não ser como farsa. Porque ao repetir citamos e recortamos, deslocamos de um universo de referências e exercitamos um a mais que é do domínio da diferença.”

CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado*. Lisboa: Caminho, 2000, p. 303-304

Ao lançar um olhar sobre a tradição literária portuguesa, Teresa Cristina Cerdeira elege a viagem como tópico fundamental que atravessa um vasto campo desde a epopeia camonianiana até a contemporaneidade. Se por um lado constatamos que a viagem é tema incontornável para a compreensão do imaginário cultural português, por outro notamos

que esse mesmo tema ganha diferentes contornos e dimensões críticas ao longo dos séculos.

Elabore uma reflexão acerca do assunto em questão a partir de um dos pontos a seguir:

- a) *Os Lusíadas*, de Luís de Camões;
- b) *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett;
- c) A poesia de Cesário Verde;
- d) *Metamorfoses*, de Jorge de Sena;
- e) *Levantado do chão*, de José Saramago;

Questão 2: livre escolha

a)

Não meu, não meu é quanto escrevo,
A quem o devo?
De quem sou o arauto nado?
Por que, enganado,
Julguei ser meu o que era meu?
Que outro mo deu?
Mas, seja como for, se a sorte
For eu ser morte
De uma outra vida que em mim vive,
Eu, o que estive
Em ilusão toda esta vida
Aparecida,
Sou grato Ao que do pó que sou
Me levantou.
(E me fez nuvem um momento
De pensamento.)
(Ao de quem sou, erguido pó,
Símbolo só.)

No contexto da modernidade em Portugal, o fingimento pessoano tornou-se representativo de uma concepção poética que se opunha frontalmente ao confessionalismo lírico oitocentista, investindo em uma especulação do eu que recusava uma visão unitária e totalizante.

Comente o poema de Fernando Pessoa e explique a relação entre subjetividade e alteridade constitutiva de seu projeto estético:

b) Em *Os Cus de Judas* (1979), António Lobo Antunes constrói a narrativa como um monólogo dirigido a uma interlocutora que não responde, recorrendo a uma sintaxe fragmentada, feita de frases interrompidas, associações livres e saltos entre tempos e espaços. Discuta de que modo estas opções formais participam da reflexão do romance sobre a memória, o trauma e a representação da guerra colonial.

c) Em *A Queda dum Anjo* (1866), Camilo Castelo Branco narra a progressiva transformação de Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda, deputado provinciano, moralista e defensor intransigente dos valores tradicionais, que se deixa seduzir pelos hábitos de Lisboa e pela figura de Laura de Menda. A voz narrativa, marcadamente irónica, oscila entre a caricatura e a simpatia pela personagem. Discuta de que modo o romance articula a sátira da sociedade liberal com uma reflexão sobre a fragilidade das convicções morais, tendo em conta a ambiguidade do protagonista e o papel da ironia na construção do sentido.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Processo seletivo 2027
Data: 16 de outubro de 2026

PROVA DE CONHECIMENTO ESPECÍFICO EM LINGUÍSTICA

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA

1. **NÃO ESCREVA SEU NOME DA FOLHA DE RESPOSTAS.** Anote o número que **identificará sua prova**. As provas serão corrigidas sem que a Comissão de Seleção conheça a identidade dos candidatos.
2. Leia atentamente os enunciados.
3. Durante uma hora, você poderá consultar os textos indicados na bibliografia divulgada no site do Programa de Pós-Graduação em Linguística e fazer anotações nas folhas de rascunho distribuídas pelo examinador.
4. Decorrida essa hora de consulta, haverá a indicação para que você guarde todo e qualquer material bibliográfico e conserve apenas suas folhas de rascunho.
5. Após o período de consulta, inicie a redação de sua prova. O tempo para redação da prova, após o período da consulta, será de no máximo duas horas.
6. É proibido utilizar qualquer equipamento eletrônico.

INFORMAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DA PROVA

1. Esta prova é composta por duas partes: parte 1 e parte 2. Na primeira parte, você deverá obrigatoriamente selecionar **UMA** questão para responder. Na segunda parte, você deverá obrigatoriamente selecionar **UM** texto para discutir, de acordo com o comando apresentado.
2. Ou seja, você deverá responder, ao todo, a **DUAS QUESTÕES**, sendo, necessariamente, 01 (uma) questão da parte 1 e 01 (uma) questão da parte 2.
3. Caso você responda a mais de uma questão na parte 1, apenas a primeira resposta será considerada.
4. Caso você responda a mais de uma questão na parte 2, apenas a primeira resposta será considerada.

PARTE 1 (Valor: 4,0)

Questão 1.

Leia o trecho abaixo e discuta a aquisição de linguagem com base em uma corrente teórica da Linguística, confrontando ou alinhando-se à perspectiva que baseia o excerto. Desenvolva sua resposta pelas referências bibliográficas indicadas pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

A aquisição de língua envolve, necessariamente, a experiência com a língua. À medida que a criança vai expondo-se mais e mais a eventos de língua e vai pondo a língua em prática, mais e mais arraigadas vão ficando as rotinas associadas às expressões linguísticas que ela experiencia. [...] A partir da experiência com muitas ocorrências de expressões como aquelas entre 3 e 7, a criança, já em idade um pouco mais avançada, abstrai um esquema (...).

3. O bebê já almoçou.
4. O menino correu.
5. A criança dormiu.
6. O papai chegou.
7. A vovó saiu.

(Viotti, E. Mudança linguística. In: Forin, José Luiz (ORG.) Linguística? Que é Isso?. São Paulo: Contexto, 2013.)

Questão 2.

O trecho abaixo revela fenômenos linguísticos e extralinguísticos que, segundo Cyranca (2016), devem ser abordados na escola. Disserte sobre esses fenômenos à luz da Sociolinguística.

No exemplo que se segue, a atividade acontece numa sala de 6º ano de uma escola pública, frequentada por alunos falantes da variedade linguística caracterizada como *rurbana* (Bortoni-Ricardo, 2004). No decorrer de várias sessões, vão tendo contato com textos de gêneros e autores variados - leitura seguida de discussão dos aspectos temáticos e diferenças dialetais: Olavo Bilac, Patativa do Assaré, Zé da Luz, Cecília Meireles etc. As interações são riquíssimas. Transcrevo uma:

P: - Quem sabe me dar um exemplo de um jeito de falar de pessoas da zona rural?

L: - Abre a po[R]tera, muié, prus gado passá.

P: - Ótimo esse exemplo do Lucas. Agora, me digam por que a gente sabe que esse jeito de falar é da roça?

L: - Eles fala por[R]tera.

F: - E fala [muiél

P: - E aqui na cidade, como é que a gente fala essa palavra?

L: - A gente fala [mulher].

P: - Ah! mu[lh]er, eles falam mu[ié]. Muito bem. Vocês se lembram de outras? Por exemplo, como na roça as pessoas falam a palavra [galho]?

G: - É ga[i]o, fessora.

P: - E [telha]?

F: - É te[i]a

P:- Então como é que eles falam o [lh]?

L: - Eles num fala.

(Cyranka, Lucia. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, M.C.; FERRAREZI JR., C. (orgs.). Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016. p.168-183)

Questão 3.

Leia o fragmento abaixo e responda a questão a seguir:

“Para chegar a uma interpretação do conteúdo da frase, o leitor precisa dividi-la em partes ou parseá-la. Por restrições da memória de trabalho, este parseamento, ou *parsing*, precisa ser realizado muito rapidamente e nem pode esperar a frase toda terminar para analisá-la. Isso quer dizer que vamos construindo logo a estrutura sintática à medida que cada palavra vai sendo lida ou ouvida, pois nossa memória de trabalho tem limites em relação ao número de itens e ao tempo, em milésimos de segundo, de que podemos dispor para estruturá-los.”

(MAIA, Marcus. Processamento de frases. In: MAIA, Marcus (org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015. cap. 1, p. 7-17)

Diferentes perspectivas sobre como o conhecimento linguístico é posto em uso e como caracterizar os domínios cognitivos envolvidos marcam e dividem as várias teorias linguísticas existentes. A partir do texto acima, discorra sobre essa questão, discutindo os exemplos dados abaixo para fundamentar sua explicação.

- (i) Filha suspeita de morte da mãe foge.
- (ii) O rato que o gato que o cachorro perseguiu matou comeu o queijo.
- (iii) O gerente jogou o documento que tinha sido compilado pela equipe jurídica ao longo de um período de três meses e assinado por todos os membros do conselho fora.

PARTE 2 (Valor: 6,0)

Questão geral.

Escolha **UM** dos excertos abaixo e **discuta**, em relação ao excerto escolhido, as ideias principais formuladas pelo autor, relacionando-as com as leituras da bibliografia informada no site do PPGLIN para a seleção de mestrado.

Excerto 1

“Nossas concepções sobre os mecanismos neurais da linguagem evoluíram paralelamente à nossa compreensão da natureza da faculdade da linguagem como um sistema cognitivo. Inicialmente, as pesquisas concentravam-se nas regiões corticais frontais e temporais como áreas envolvidas na produção vocal e na percepção da fala, respectivamente. Visto que a fala é o principal meio da linguagem utilizado para a comunicação, pode parecer natural equiparar a linguagem à fala ou até mesmo à "comunicação acústica". Essa visão, no entanto, é demasiado restrita. A fala é apenas uma das formas possíveis de externalizar a linguagem (sendo a língua de sinais ou a escrita outros exemplos), funcionando como um recurso auxiliar ao sistema computacional interno. Além disso, a "comunicação" é meramente uma função possível da faculdade da linguagem e não pode ser equiparada a ela. Defendemos que a linguagem é uma capacidade cognitiva humana específica da espécie e de domínio específico. Em essência, a linguagem é um mecanismo computacional interno que gera um conjunto ilimitado de frases e sentenças estruturadas. Estas devem ser minimamente interpretadas em duas interfaces — isto é, pensamentos internos, por um lado, e externalização por meio de sons, de escrita ou de sinais, por outro.”

(Friederici, A. D.; Chomsky, N.; Berwick, R. C. et al. Language, mind and brain. *Nature Human Behaviour*, [s. l.], v. 1, n. 10, p. 713–722, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41562-017-0184-4>. Acesso em: 7 out. 2026.)

Excerto 2

“É bastante comum ouvir leigos falarem sobre línguas primitivas, repetindo até o mito já desacreditado de que há certos povos cujas línguas consistem apenas em umas poucas palavras complementadas por gestos. A verdade é que todas as línguas até hoje estudadas, não importa o quanto primitivas ou incivilizadas as sociedades que as utilizam nos possam parecer, sob outros aspectos, provaram ser, quando investigadas, um sistema de comunicação complexo e altamente desenvolvido. [...] Evidentemente há diferenças consideráveis nos vocabulários das diferentes línguas. (...) Nesse sentido, uma língua pode adaptar-se melhor do que outra a determinados fins específicos. O que não significa, entretanto, que uma língua seja intrinsecamente mais rica ou pobre que a outra.”

(Lyons, John. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda Werneck dos Santos e Eduardo Guimarães. Rio de Janeiro: LTC, 1987. 322 p.)

Excerto 3

“Como os falantes sabem quais palavras podem ser colocadas juntas? Esse é o domínio da **sintaxe**. Como os falantes são capazes de produzir novas palavras? Isso se enquadra no domínio da **morfologia** linguística. Entendendo que se quer dizer mais do que

se diz, é isso que geralmente estudamos na pragmática. Muitas teorias linguísticas veem esses pontos como distintos, como caindo em diferentes áreas do conhecimento linguístico, diferentes módulos até mesmo do conhecimento linguístico. A Gramática de Construções é diferente a esse respeito porque a Gramática de Construções postula que todos os tipos de conhecimento linguístico podem ser vistos como sendo do mesmo tipo, como sendo cortes do mesmo tecido.

O que os falantes precisam saber, da perspectiva da Gramática de Construções, pode ser expresso de forma muito mais concisa do que essa lista, a saber, os falantes devem conhecer construções.”

(Hilpert, Martin. *Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden: Brill, 2021. 292 p. (Distinguished Lectures in Cognitive Linguistics, v. 26).

Excerto 4

“Preston (2013) apresenta uma diferenciação entre uma teoria popular da linguagem e uma teoria linguística (...) Para as pessoas, de modo geral, existe “A LÍNGUA”, uma entidade eterna, sólida, imutável. Da língua derivam os bons usos, a “boa língua”, mas existe também uma versão inferior da língua, que é a “língua comum”. São desses usos “comuns” que derivariam os dialetos e os “erros”, esses já bastante distantes da versão ideal da língua.

Os linguistas, ou pelo menos parte deles, adotam uma perspectiva oposta sobre a língua (...): cada pessoa tem o seu idioleto e um conjunto de idioletos forma um dialeto; os diferentes dialetos, por sua vez, formam aquilo que abstratamente chamamos de língua. Essa é uma abordagem “de baixo para cima”, adotada sobretudo por aqueles que estudam os usos linguísticos. O choque entre a visão leiga e uma visão científica da Linguística começa por diferentes concepções sobre o que é a língua e como ela funciona. Ocorre que, muitas vezes, quando surgem atitudes como as reações ao livro didático*, o linguista não dá a devida atenção a essas manifestações, desmerecendo-as como uma falta de conhecimento por parte dos leigos. Mas não deveríamos dar as costas a essas manifestações: é possível estudar sistemática e cientificamente as avaliações populares sobre a língua.

Uma tarefa a ser realizada pelos linguistas é perguntar às pessoas o que elas acham sobre certas variantes e certos modos de falar, ouvindo genuinamente o que elas têm a dizer.”

*refere-se à polêmica sobre um livro didático publicado em 2011 no qual se contextualiza usos padrão e popular de concordância nominal no PB.

(Oushiro, Livia. A IMPORTÂNCIA DE ESTUDOS DE AVALIAÇÃO E PERCEPÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS. *Revista de Letras*, [S. l.], v. 1, n. 40, 2021. DOI: 10.36517/2525-3468.rdl.v1i40.2021.71443.)



Centro de Letras e Artes
Faculdade de Letras
Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Exame de Seleção 2027

Prova de Conhecimento Específico – Mestrado e Doutorado

Número do/a candidato/a: _____

A prova é composta de questões dissertativas sobre a bibliografia apresentada no edital. O/A candidato/a deverá responder à questão obrigatória e, depois, responder a uma (01) das duas outras questões, à sua livre escolha. O valor da questão obrigatória (Questão 1) é de seis (6) pontos e o valor da questão escolhida pelo/a candidato/a (Questão 2 ou 3) é de quatro (4) pontos. A duração total da prova é de três horas, sendo permitida a consulta à bibliografia para tomada de anotações durante a primeira hora.

Questão 1 - Obrigatória - (6,0 pontos)

A publicação da obra *Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes* (FABRÍCIO; BORBA, Orgs., 2023) condensa e celebra décadas de renovação epistemológica no campo dos estudos da linguagem no Brasil. A coletânea entrecruza duas metonímias teóricas centrais formuladas por Moita Lopes ao longo de sua trajetória: a oficina (lugar do fazer, da prática artesanal e da construção situada do saber) e a indisciplinaridade (a ruptura com as fronteiras acadêmicas rígidas e o compromisso ético-político com os problemas sociais). Com isso, o livro reafirma a Linguística Aplicada (LA) contemporânea como um território de investigação inventivo, decolonial e voltado às margens.

Com base no legado de Luiz Paulo da Moita Lopes e nos eixos debatidos na obra organizada por Fabrício e Borba (2023), explique como a articulação entre as noções de "oficina" e "indisciplinaridade" reconfiguram a própria concepção de conhecimento em Linguística Aplicada.

Questão 2 - (4,0 pontos)

“Num contexto banhado por violências e incertezas políticas, sociais e econômicas, entramos numa constante reflexão e questionamento sobre o nosso trabalho no campo da educação linguística e suas reais contribuições transformativas para o contexto educacional brasileiro. De um lado, a sociedade pós-moderna caracterizada pelo impacto devastador dos processos econômicos globais que aprofundam a produção e manutenção das desigualdades sociais patrocinadas por mecanismos políticos e econômicos que produzem e normalizam a

exclusão e a marginalização. De outro, a escola contemporânea cada vez mais distante das práticas sociais dos seus envolvidos e ainda em busca de oferecer pecúlio intelectual para os poucos modestos e diligentes que ainda resistem". (TANZI NETO, MAZUCHELLI, MOTA, 2021, p. 26)

À luz do fragmento da obra *Linguística Aplicada de Resistência: transgressões, discursos e política* (TANZI NETO, 2021), problematize a dicotomia apresentada entre a sociedade pós-moderna e a escola contemporânea. Em seguida, indique caminhos sobre como as investigações em LA podem contribuir para mitigar essa tensão.

Questão 3 - (4,0 pontos)

Leia os excertos abaixo do livro *Estudos Queer em Linguística Aplicada Indisciplinar* (MOITA LOPES et. al., 2022):

"... na perspectiva queer, qualquer sentido de normalização, biologização e essencialização atribuído aos corpos é impossibilitado." (página 26).

"pensar as teorias queer é refletir sobre uma política (...) desatrelada de visões de fixidez, estabilidade e normalizações sobre quem podemos ser na vida social." (p. 100)

Com base nos excertos, explique como as teorias queer problematizam os gestos e práticas ritualizadas como 'naturais' e 'coerentes'. De que forma as próprias categorias de 'sexo' e 'gênero' são (des)construídas por meio dessas performances identitárias?

OBSERVAÇÃO: TODAS AS RESPOSTAS DEVEM ARTICULAR DE FORMA COERENTE E COESA OS ARGUMENTOS APRESENTADOS.